

A impossibilidade da comunicação

O relativismo epistemológico de Górgias de Leontinos no contexto da Antiguidade grega e os estudos de comunicação

RODRIGO CÁSSIO OLIVEIRA

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil

ID 2301

Recebido em

29/08/2020

Aceito em

06/01/2021

SÓCRATES: Você passará por um moinho de palavras e sairá dele esportíssimo, fino como a flor da farinha de trigo. (Aristófanes, As Nuvens)

Aristóteles é estimado como a fonte mais importante para os estudos de comunicação na Antiguidade grega. Isso vem de uma tradição filosófica racionalista que, por muito tempo, dificultou o reconhecimento da sofística como um movimento produtor de teorias filosóficas autênticas. O objetivo deste artigo é apresentar a ontologia do sofista Górgias de Leontinos como uma possível contribuição da filosofia antiga para os estudos de comunicação. Nossa conclusão é que o resgate da sofística estimula uma concepção de comunicação que leva a temas importantes tanto para a sociedade grega quanto para a sociedade contemporânea, mobilizando as noções de verdade, discurso e realidade.

Palavras-chave: Sofistas. Relativismo. Verdade. Filosofia da Comunicação. Ontologia da Comunicação

La imposibilidad de la comunicación: el relativismo epistemológico de Gorgias de Leontinos en el contexto de la antigua Grecia y los estudios de la comunicación

Aristóteles aún es la fuente más importante de teorías de la comunicación en la antigua Grecia. Esto proviene de una tradición filosófica racionalista que, por un largo tiempo, hizo difícil reconocer la sofística como un movimiento que produce auténticas teorías filosóficas. El objetivo del artículo es presentar la ontología de Gorgias como una posible contribución de la filosofía antigua a los estudios de la comunicación. Nuestra conclusión es que la sofística estimula un concepto de comunicación que se ocupa de cuestiones importantes de la sociedad griega además de las sociedades contemporáneas, movilizandolas nociones de verdad, discurso y realidad.

Palabras clave: Comunicación organizacional. Verdades conceptuales. Práctica discursiva. Saber.

The impossibility of communication: Gorgias's epistemological relativism in the context of Ancient Greek and the communication studies

Aristotle is considered the most important source for communication studies in Ancient Greek. This fact probably comes from a rationalist philosophical tradition that, for a long time, rejected sophistry as a genuine movement with authentic philosophical theories. The article aims to present Gorgias's ontology as a possible contribution of ancient philosophy to communication studies. Our conclusion is that sophistry stimulates a concept of communication that deal with important issues of Greek society as well as contemporary societies, mobilizing the notions of truth, discourse and reality.

Keywords: Sophists. Relativism. Truth. Philosophy of Communication. Ontology of Communication.

Rodrigo Cássio **OLIVEIRA**

Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais. Professor adjunto da Universidade Federal de Goiás, onde atua no curso de graduação em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) e no Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais (Mestrado e Doutorado) da Faculdade de Ciências Sociais (FCS).

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.

E-mail: rodrigocassio@ufg.br

ORCID



Introdução

Este artigo especula sobre um objeto de estudo pouco usual no âmbito da pesquisa em comunicação. Poderia o pensamento de um sofista, na Grécia antiga, oferecer uma contribuição filosófica para os estudos da comunicação? O principal objeto de interesse da nossa argumentação é a sofística, movimento cultural e intelectual de notória importância para a Antiguidade grega. De acordo com um entendimento já superado, mas ainda muito presente, os sofistas não teriam sido de fato filósofos, e, portanto, não teriam concebido teorias filosóficas passíveis de serem incorporadas ao repertório de nenhuma disciplina. Vamos questionar esse entendimento, apresentando uma síntese da ontologia de Górgias de Leontinos, sofista que sustentou a tese – aparentemente desconcertante – de que a comunicação é impossível.

A tradição da pesquisa em comunicação aponta Aristóteles como fonte de maior interesse dos pesquisadores da área quando se trata de estudar a Grécia Antiga. Por isso, o filósofo figura quase exclusivamente nas explicações sobre origens remotas da investigação em comunicação, seja por sua teoria da retórica, seja por suas contribuições para múltiplas disciplinas (GLADYSHEV; PENNER, 2016). Nosso resgate de Górgias propõe uma reflexão sobre isso – não para questionar a importância óbvia de Aristóteles, mas sim para apontar a conveniência de uma abertura a estudos mais aprofundados de outros filósofos gregos antigos. O ponto de vista fortemente negativo de Aristóteles contra os sofistas possivelmente dificultou que, tanto na área da comunicação como em outras, autores como Górgias fossem incorporados ao repertório de teorias originárias de interesse para a pesquisa filosófica.

Para chegar à conclusão de que a comunicação é impossível, Górgias inicia pela defesa de que coisa alguma existe, e que, mesmo se alguma coisa existisse, nada poderia ser conhecido. Mostraremos de que modo essas três teses o conduzem para uma perspectiva epistemológica extrema, que propõe o subjetivismo e o relativismo como limites para o conhecimento humano. Nesse passo, teceremos algumas considerações sobre como a teoria de Górgias pode ser relacionada a temas emergentes no debate acadêmico atual no campo da comunicação, particularmente às controversas noções de pós-verdade e *fake news*¹.

A sofística e os estudos de comunicação

Embora pareça anacrônico retornar vários séculos na história da filosofia em busca de fundamentos para o estudo teórico da comunicação, esse interesse não é nada inédito no heterogêneo filão acadêmico da área. Tampouco o aparente anacronismo da tarefa resiste à observação de que os estudos de comunicação, de fato, não precisam restringir o seu universo de referência ao mesmo recorte temporal no qual emergiram seus objetos de estudo mais característicos (ou seja, das primeiras décadas do século XX até o presente). De que modo poderíamos retornar à sofística em busca de contribuições para os estudos de comunicação? O retorno parece mais difícil quando sabemos que a literatura comunicacional vê em Aristóteles a fonte contumaz para pensar os estudos teóricos da área desde uma possível origem remota na Antiguidade grega. Por causa disso, a possibilidade de abordar a sofística como fornecedora de reflexões filosóficas pertinentes só poderia começar por um comentário sobre o pensamento aristotélico e, mais particularmente, pelo modo como o filósofo via os sofistas.

¹ O neologismo pós-verdade tornou-se especialmente conhecido depois que a *Oxford Dictionaries* o elegeu como palavra do ano em 2016, e sua popularização trouxe consigo a disseminação da noção de *fake news*. Não discutimos neste artigo o mérito da terminologia, mas vale a nota de que compartilhamos as ressalvas de Habgood-Coote (2018) quanto ao caráter contestável dos dois termos e o prejuízo teórico de consolidá-los.

A importância de Aristóteles, evidentemente, não é exclusiva para o campo da comunicação, uma vez que a sua influência sobre a história da ciência – ao menos até a modernidade tardia – foi gigantesca e largamente percebida. Para os estudos de comunicação, o pensamento aristotélico legou um incipiente modelo de relação entre emissores e receptores que, mais de vinte séculos depois, influenciaria a chamada *Mass Communication Research* a desenvolver trabalhos de cunho sociológico que deram contribuições fundantes para a campo da comunicação.

Vem de Aristóteles, na *Retórica*, a primeira distinção abstrata de três elementos constitutivos do discurso: “um discurso consiste em três coisas: o orador, com o assunto do qual ele fala, e a pessoa a quem o discurso é endereçado”² (Aristóteles, 2007, 1358b, tradução nossa). Perto da metade do séc. XX, esses elementos seriam assimilados na famosa descrição do ato de comunicação por Harold Lasswell: “Quem, diz o quê, em qual canal, para quem, com qual efeito?”³ (LASSWELL, 1948, p. 37, tradução nossa).

A percepção fundadora de Aristóteles sobre os três elementos do discurso levou Jorge Pedro Sousa a nomeá-lo como “o primeiro a refletir sistematicamente sobre o processo de comunicação, tendo apresentado aquele que é o precursor dos modelos do processo de comunicação” (SOUSA, 2006, p. 133). Na mesma linha interpretativa, José Marques de Melo vê na filosofia aristotélica os mais avançados estudos em sua época para “analisar o fenômeno da comunicação interpessoal”, e ressalta que muitos dos problemas tratados na *Retórica* “são de uma atualidade surpreendente, em termos de comunicação social” (MELO, 1971, p. 85). Antonio Hohlfeldt, por sua vez, em artigo sobre o mundo antigo e os estudos de comunicação, elege Aristóteles como o autor do legado mais influente para a área entre os gregos, sublinhando a semelhança estrutural do modelo apresentado na *Retórica* com aquele proposto por Harold Lasswell ao final da década de 1920 (HOHLFELDT, 2002).

Em alguma medida, portanto, podemos considerar que pesquisas em comunicação típicas das primeiras décadas do séc. XX são tributárias do *insight* elementar do filósofo estagirita, e vale dizer que o mesmo se passa em campos correlatos que colaboram indiretamente com a pesquisa em comunicação, a exemplo da linguística jakobsoniana (JAKOBSON, 2010).

Embora a importância de Aristóteles seja inquestionável, convém perguntar se a remissão ao filósofo, tornada corriqueira no campo comunicacional, não acabaria dispensando um trabalho investigativo exploratório que abarcasse referências novas e imprevistas, as quais poderiam ajudar a aprofundar a discussão da comunicação no denso manancial do pensamento grego antigo. A sofística é, sem dúvida, um desses casos quase ou nada explorados pelos teóricos, o que talvez se explique pelo fato de que ela foi deixada à margem pela própria historiografia filosófica durante séculos de prevalência de uma tradição racionalista (ROMEYER-DHERBEY, 1986).

Com efeito, Aristóteles é um dos maiores adversários da sofística, e um dos grandes responsáveis pela duradoura resistência a compreendê-la como fonte legítima de teorias sobre problemas metafísicos. O aspecto central dessa rivalidade pode ser observado na teoria aristotélica da retórica. A notoriedade que a técnica de argumentação tinha adquirido na época em que Péricles governava a *polis* ateniense motivou a fama dos sofistas como professores dos cidadãos interessados em vencer no debate público, muito embora Jaeger nos alerte que eles raramente visitavam Atenas (JAEGER, 1986). Em rota de colisão com essa notoriedade, Aristóteles defendeu um conceito basilar de dialética que criticava o caráter instrumental do treinamento oferecido pelos sofistas. Para o filósofo, a persuasão da sofística e o *logos* da filosofia representavam práticas inconciliáveis quanto à busca do conhecimento (ROSS, 1987).

² O Tradução a partir da versão em língua inglesa de George A. Kennedy: “A speech consists of three things: a speaker and a subject on which he speaks and someone addressed” (ARISTÓTELES, 2006, p. 47).

³ No original: *Who says what, in which channel, to whom and with what effect?*

Como observa Berti (2002, p. 29), “Aristóteles define a sofística não apenas como imitação ruim da dialética, mas também como imitação ruim da filosofia, ou melhor, também da sabedoria”. A forte objeção aristotélica aos sofistas nos leva a capítulos ainda anteriores da filosofia grega, e traz à tona questões terminológicas latentes na compreensão dos sistemas de pensamento teórico na Grécia antiga. Assim como a filosofia, a sofística deriva dos termos gregos *sophós* e *sophía*. Os sábios que a representavam distinguiam-se dos demais não tanto pelo teor de suas conjecturas teóricas, e sim por receberem pagamentos pelos seus serviços (EL-JAICK, 2016).

Os sofistas anteciparam, em pleno mundo grego, o subjetivismo e o relativismo que marcariam a era moderna e avançariam até os nossos dias, originando uma metafísica que opera uma definição do ser bastante diversa daquela que se chega em Aristóteles a partir da filiação socrático-platônica. Protágoras, Górgias, Hípias, Pródico, Antífon, Trasímaco e Crítias foram alguns destacados sofistas, além de personagens frequentes nos diálogos platônicos que os tornaram conhecidos (PLATÃO, 1972, 1980, 2001). Aos olhos de Platão, os sofistas eram pensadores menores, mercadores de conhecimento que não possuíam interesse legítimo pela posse e a apreciação da verdade.

Assim, a sofística teria corrompido a metodologia e a inteligência filosóficas, em contraste direto com o edifício moral habitado por Sócrates. De modo esquemático, poderíamos dizer que, na maiêutica socrática, o convencimento é um caminho pelo qual se ascende à verdade, e a dialética é um processo de verificação de hipóteses cuja finalidade é chegar à posse do conhecimento verdadeiro. Para os sofistas, ao contrário, o convencimento é a finalidade última do embate de ideias, e a verdade que resulta deste embate é antes uma consequência fortuita do que um objetivo a ser perseguido pelos filósofos.

A palavra *sofista* ainda hoje é utilizada como um termo pejorativo no senso comum. O seu emprego geralmente denota a adoção de práticas desonestas de argumentação nos debates públicos, com uma opção deliberada pela trapaça e a recusa proposital de que a razão seja o critério de julgamento das proposições discutidas. Argumentar ao modo de um sofista, assim, é recorrer a discursos falaciosos que não possuem justificativas lógico-rationais. Do mesmo modo, o verbo *sofismar* é promover uma falsa filosofia ou um falso raciocínio.

Não é o caso de discutir sobre o quanto essa percepção do termo é tributária da vulgarização dos diálogos de Platão na história da cultura ocidental, mas é forçoso reconhecer, ao menos, que a incorporação do vocábulo com um valor semântico negativo, em praticamente todo o mundo influenciado pelos antigos gregos, é muito sugestiva. Aristóteles se insere nessa tradição, repercutindo as objeções socrático-platônicas em seus próprios livros, como no seguinte trecho do *Órganon*, em que o filósofo nomeia a sofística como uma espécie de charlatanismo:

[...] visto que aos olhos de algumas pessoas vale mais parecer sábio do que ser sábio sem o parecer (uma vez, que a arte dos sofistas consiste na sabedoria aparente e não na real, e o sofista é aquele que ganha dinheiro graças a uma sabedoria aparente e não real), está claro que para estas pessoas é essencial parecer exercer a função de sábio, em lugar de realmente exercê-la sem parecer que o fazem (ARISTÓTELES, 2005, p. 546-7).

Poucas linhas depois, Aristóteles analisa a diferença entre argumentos válidos e falaciosos. Os argumentos válidos corresponderiam à estrutura do silogismo, a mais célebre contribuição do *Órganon* para a lógica. Já os argumentos falaciosos, que deveriam ser descartados como falhas de raciocínio, Aristóteles nomeia de *sofísticos*. O silogismo garante que a verdade, e não os desejos do homem, coordene as operações lógicas do raciocínio. Para Aristóteles, seria inconcebível assumir uma definição de verdade

como resultado de convenções humanas, algo que o sofista Protágoras efetivamente propôs em sua precoce defesa do perspectivismo em filosofia⁴.

Vale dizer que, ainda que a relativização da verdade fosse um alicerce comum da sofística, esta não foi, propriamente, uma escola filosófica. Ela não se organizava como a Academia de Platão ou o Liceu de Aristóteles, mas sim como um movimento relativamente difuso e aberto que abarcava pensadores com pontos de vista diferentes, sem necessária relação direta. Górgias, em seu *Tratado do Não-Ser* – sobre o qual falaremos na próxima seção –, diverge do relativismo humanista de Protágoras. Górgias e Protágoras são relativistas porque se opõem à objetividade do conhecimento, mas o são por caminhos diferentes e com teses baseadas em argumentos distintos. O que confere unidade à sofística como um movimento na história da filosofia, portanto, é antes o seu significado social que a convergência dos seus membros para um mesmo ponto de vista. Essa convergência, de fato, não existia.

Uma das diferenças cruciais da sofística em relação a instituições basilares como a Academia ou o Liceu era a negociação do acesso ao conhecimento, uma vez que os sofistas recebiam dinheiro por suas lições de retórica. A tradição socrático-platônica considerava o conhecimento um bem superior, e daí o vinculava a uma ética ascética, cuja voluntariedade tem um papel fundamental no sistema de pensamento idealista da escola platônica. Demonstração disso é a inabalável perspicácia socrática nas construções dramáticas de Platão. Em numerosas passagens, o genuíno interesse de Sócrates pelo conhecimento colide com os sofistas gananciosos, que só se aproximam da *sophía* porque esta tinha, para eles, um valor de troca.

Na *República*, por exemplo, o sofista Trasímaco abandona a conversação de maneira abrupta, atordoado pelo brilhantismo da argumentação de Sócrates. Em outro diálogo, igualmente, Platão define os sofistas como “caçadores interesseiros de jovens ricos” (*Sofistas*, 233b), e os identifica como mercenários, e não autênticos filósofos. A prática educativa dos sofistas era vista por Platão como um nefasto empecilho para o desenvolvimento de um Estado justo, o que, em outros termos, deveria significar uma vida em sociedade regida pela *paidéia*, o princípio de formação integral tão bem analisado no extraordinário livro do helenista Werner Jaeger (1986). A formação idealizada por Platão associava a preservação de valores oriundos da tradição homérica ao espírito filosófico genuíno que Sócrates havia inaugurado com sua prática da filosofia, em uma espécie de síntese da tradição cultural grega, arraigada tanto na mitologia como em uma particular experiência da liberdade (KITTO, 1991).

Apesar de tudo e, sobretudo, das pesadas críticas que Platão e Aristóteles lançaram para a posteridade, é negável que a intervenção dos sofistas nos embates democráticos da *ágora* ajudou a definir a experiência política na Grécia clássica, causando o avanço da oratória entre os gregos. Dadas as condições da democracia grega, o domínio da retórica era uma vantagem para os cidadãos que almejavam sucesso nas carreiras políticas. As condições reais da vida política reivindicavam o tipo de formação técnica – por assim dizer – oferecida pelos sofistas. O pertencimento do indivíduo à *polis* era tão incisivo que a distinção entre a vida privada e a vida pública era muito tênue (GIORDANI, 1992). Esse contexto foi decisivo para que os sofistas fossem valorizados como mestres dignos de prestígio, baseados em contribuições que hoje sabemos terem sido efetivas para o conhecimento da retórica (CRICK, 2010).

⁴ A obra de Protágoras se perdeu (tendo sido talvez destruída), mas a paráfrase feita por Platão celebrou a sua tese do *homo mensura* na passagem 152a do *Teeteto*, segundo a qual o sofista teria sustentado que o homem é a medida de tudo o que há e o que não há (PLATÃO, 2005). O perspectivismo de Protágoras, normalmente visto como um relativismo epistemológico humanista, repercutiu em filosofias muito diferentes que vieram à tona na modernidade. Podemos constatar versões modernas do perspectivismo nas incisivas críticas de Friedrich Nietzsche à metafísica platônica (MOTA, 2010), ou na conciliação de epistemologia e existencialismo realizada pela filosofia de José Ortega y Gasset (1967).

As três teses metafísicas de Górgias e a comunicação

O objetivo desta seção é apresentar uma síntese das teses metafísicas de Górgias de Leontinos para reconstruir os principais argumentos do sofista até a conclusão de que a comunicação é impossível. As teses de Górgias foram expostas em seu *Tratado do Não-Ser*, mas não temos acesso direto ao texto. Nós o conhecemos hoje somente por meio de duas fontes secundárias: o relato de Sexto Empírico, filósofo e historiador grego dos séculos II e III a.C., que o parafraseou em sua obra *Adversus Mathematicus*, e um tratado que data possivelmente do séc. III a. C., erroneamente atribuído a Aristóteles, cuja autoria verdadeira não pôde ser reconhecida. Este texto se chama *Sobre Melisso, Xenófanes e Górgias* e, apesar de incompleto, é estimado pelos estudiosos da sofística como o mais claro e assertivo documento para a reconstrução dos argumentos de Górgias.

1ª. Tese: Nada existe

A primeira tese de Górgias pode ser vista como uma desconstrução da doutrina de Parmênides de Eléia, filósofo pré-socrático que, junto de Heráclito de Éfeso, estabeleceu as principais balizas da metafísica na filosofia grega. Parmênides recorre à técnica argumentativa da *reductio ad absurdum* para concluir que apenas o ser é, e tudo mais se trataria de aparência ou ilusão.

De fato, para Parmênides, todas as qualidades do ser “são ilusões da nossa percepção sensível” (SPINELLI, 2003, p. 277). É nesse âmbito de discussão que a tese gorgiana de que *nada existe* se apresenta como um tipo de elaboração teórica abstrata que ironiza a busca da filosofia pelos fundamentos últimos da realidade. Na metafísica grega, ser e existir não são termos distintos como na era moderna, e a afirmação de que nada existe significa que tanto o *ser como o não-ser não são*. Trata-se, portanto, de um típico problema de ontologia.

A ideia de que o ser e o não-ser sejam ao mesmo tempo é descartada por Górgias por meio de uma reversão do *reductio ad absurdum* contra Parmênides. Uma vez que nada existir implicaria em nada poder conhecer e nada poder comunicar, o esforço filosófico de explicar a realidade em sua essência seria em vão. O argumento de Górgias é reproduzido na excelente paráfrase de *Análise das Três Teses do Tratado do Não-Ser de Górgias de Leontinos*, do pesquisador brasileiro Aldo Dinucci, que usamos aqui como principal referência em língua portuguesa sobre o que teria sido a argumentação original em *O Tratado do Não-Ser*:

Que relação existe entre ser e não-ser? São coisas distintas ou são a mesma coisa? Se são coisas distintas, ambos são, identificando-se quanto ao ser. Mas aí ser e não-ser seriam o mesmo, e nada seria. Se, porém, são distintos, cabendo ao ser não ser e ao não-ser ser, além do absurdo de o não-ser ser, o ser não seria – e, mais uma vez, nada seria. E se o ser fosse e o não-ser não fosse, ainda assim o não-ser seria não-ser, voltando o não-ser a ser – e de novo nada seria. E se o ser fosse tudo, também seria não-ser – e novamente nada seria. Por fim, se são a mesma coisa, ser é não-ser, e vice-versa – e segue nada sendo (DINUCCI, 2008, p. 9).

Esse é o *parti pris* para que Górgias desenvolva uma análise das propriedades ontológicas do ser e do não-ser, de modo a reforçar a tese da não existência de coisa alguma. A primeira das hipóteses que o sofista analisa, segundo os relatos que possuímos, trata da existência do ser. Se o ser é, ele só pode ser eterno, gerado, ou eterno e gerado ao mesmo tempo, não existindo alternativa quanto ao aspecto da geração. Se é eterno, o ser não pode ter princípio, já que é próprio do eterno não ter um princípio. Se houvesse princípio, haveria também um *antes* anterior ao princípio, isto é, um antes no qual ainda não haveria o ser, o que anularia a sua eternidade. Não havendo princípio, para ser eterno, seria necessário que o ser fosse também infinito. Sendo infinito, o ser não poderia caber em lugar algum, ou estaria em algum lugar, ou, ainda, estaria contido em si mesmo.

Essa é uma modulação que Górgias realiza de um famoso argumento de Zenão de Eléia, discípulo de Parmênides, também construído por uma redução ao absurdo (BORNHEIM, 1998, p. 60-4). Supondo que o ser não caiba em lugar algum, o ser não pode existir; supondo que ele está em algum lugar, este lugar é algo diferente do ser, o que é impossível, pois o ser precisa ser total, ou não é o ser; por fim, supondo que ser esteja contido em si mesmo, o ser seria tanto a sua forma como o seu conteúdo, o que não seria possível, pois o ser precisa de unicidade, ou não é o ser.

Górgias nos leva, desse modo, a excluir a possibilidade de um ser eterno, e restam as alternativas de um ser gerado, ou eterno e gerado ao mesmo tempo. Mas a possibilidade de um ser gerado também é recusada, pois, se fosse gerado, a geração do ser só poderia vir do próprio ser, ou do não-ser. Supondo que o ser fosse gerado do ser, haveria mais de um ser, o que, como já vimos, não pode ser admitido. Supondo, em vez disso, que o ser fosse gerado do não-ser, incorreríamos em um grave erro, pois o nada não pode gerar coisa alguma. Tampouco a hipótese de considerar o ser gerado e eterno ao mesmo tempo pode ser admitida, pois as duas qualidades se excluem mutuamente.

Provada a impossibilidade da existência do ser, Górgias se volta para a análise das possibilidades de existir o não-ser, ou ainda, de existir uma fusão do ser e do não-ser, que é uma tese sustentada por Heráclito (BORNHEIM, 1998, p. 35-46). Supondo que o não-ser existisse, o não-ser teria de não ser e ser ao mesmo tempo, o que é impossível. Supondo, em vez disso, a possibilidade de existir uma fusão de ser e não-ser, estes se equivaleriam entre si e não se diferenciariam. Isso significaria que a simples inexistência de qualquer um dos dois impediria a suposta fusão, pois tanto a existência do ser como a do não-ser já tinham sido descartadas pelo argumento de Górgias.

Ao final, a demonstração de que nem o ser, o não-ser ou a fusão de ser e do não-ser são nos obrigaria a admitir que coisa alguma existe. A *reductio ad absurdum* de Górgias conclui, assim, a primeira das suas teses metafísicas.

2ª. Tese: Ainda que algo existisse, nada poderia ser conhecido⁵

Na segunda tese, Górgias se ocupa do problema do conhecimento. Assim como em boa parte da metafísica grega antiga, o sofista toma o ato do pensamento em sua relação com o ser. Como se sabe, Platão considerava ser e pensamento convergentes na real solidez das ideias, em detrimento da falsa fugacidade das aparências. Górgias, por sua vez, pergunta-se sobre a natureza do que é pensado. Se as coisas pensadas são, o não-ser não pode ser pensado. Mas se as coisas pensadas não são, o ser é que não pode ser pensado. O que está em jogo é uma nova *reductio ad absurdum* que demonstra a inexistência de um critério para a realidade do pensamento que se ponha além do próprio ato de pensar. Para Górgias, tudo o que pensamos possui características ontológicas próprias, as quais, para serem próprias, precisam ser diferentes das que definem os pensamentos.

Podemos facilitar o argumento com exemplos em linguagem não ontológica. Quando pensamos em uma bicicleta, nós não pensamos a própria bicicleta, mas sim alguma coisa que poderíamos denominar de pensamento da bicicleta. A esta coisa o platonismo chamaria de ideia, em um raciocínio que se põe a favor da possibilidade do conhecimento objetivo da verdade. Górgias, muito ao contrário, considera que há uma grande diferença entre acessar o mundo pelos sentidos e pensar os entes que o constituem. Aquilo

⁵ Da paráfrase de Sexto Empírico, feita originalmente em língua grega: “...ἐν μὲν καὶ πρῶτον ὅτι οὐδὲν ἔστιν, δεῦτερον ὅτι εἰ καὶ ἔστιν, ἀκατάληπτον ἀνθρώπῳ, τρίτον ὅτι εἰ καὶ καταληπτόν, ἀλλὰ τοῖ γε ἀνέξοιστον καὶ ἀνερμήνευτον τῷ πέλας” (*Adversus Mathematicos* VII, 65, apud López-Astorga, 2018, p. 82). Optamos aqui pela tradução de ‘ei’ por ‘ainda que’, tal como convencionado na maior parte da literatura sobre Górgias em língua portuguesa. Vale a nota de que o próprio López-Astorga (2018) argumenta, em uma perspectiva lógico-filológica, que o termo grego não tem valor de condicionante na articulação das três teses. Nesse sentido, a tradução de ‘ei’ por ‘se’ seria inadequada e poderia induzir a erro. Na tradução de Sexto Empírico em língua inglesa, consultada para este artigo, Richard Bett optou por ‘even if’, o que nos parece mais adequado se comparado ao possível correspondente ‘although’ (SEXTUS EMPIRICUS, 2005, p. 15).

que é visto não pode ser ouvido, assim como aquilo que é ouvido não pode ser visto. É impossível, por exemplo, escutar aromas ou saborear visões. O pensamento também funciona assim, e há muitas coisas que pensamos que não podem ser acessadas pelos sentidos. Um unicórnio, um bicho de sete cabeças, um duende – nada disso nos é dado a conhecer pela visão, pelo tato ou pela audição, embora possa ser pensado pelos homens.

Assim, para Górgias, as coisas passíveis de serem pensadas são apreendidas no pensamento segundo um critério exclusivo, e isso é tudo o que realmente temos ao tentar conhecer a realidade. Temos, assim, um subjetivismo extremo, que vê a cognição humana como uma espécie de invólucro impossível de ser perfurado, e cujas manifestações externas são, no máximo, sinais, indicações, insinuações, mas nada de objetivo. Como observa Dinucci (2008, p. 18): “o ser das coisas não é apreendido por nenhum sentido específico: o ser humano não dispõe de qualquer faculdade de intuição intelectual”.

No ato de pensar, nada do mundo é realmente apreendido, a não ser o próprio pensamento. Não haveria, portanto, correspondência entre o ser e o pensamento. Uma vez que as coisas pensadas são diferentes dos seres, o que é pensado é o não-ser. O objeto e seu pensamento são ontologicamente diversos, e, mesmo que alguma coisa fosse, nada do que fosse poderia ser conhecido. Górgias duvida da busca filosófica por um fundamento último da realidade, por uma *archê*, e questiona, portanto, as doutrinas gregas que se julgavam em posse desse achado.

3ª. Tese: Ainda que algo pudesse ser conhecido, nada poderia ser comunicado

A impossibilidade da comunicação decorre diretamente da tese anterior. Trata-se de uma projeção da impossibilidade do conhecimento sobre o problema da natureza da linguagem humana. Se aquilo que é visível ou audível não pode se transformar em algo ontologicamente distinto no pensamento, a linguagem pela qual tentamos comunicar o próprio pensamento tampouco pode tornar comum o que é pensado:

O que ouvimos é ouvido e não visto, e o mesmo vale para todas as percepções. Não podemos experienciar uma percepção própria de um sentido através de outro sentido. Assim também a palavra não pode comunicar a outro algo que ouvimos ou vemos ou percebemos por qualquer outro sentido. Pois, da mesma forma que o som não pode nos fazer experienciar a cor e o sabor, o *logos*, enquanto signo, não pode nos fazer experienciar qualquer uma das coisas que apreendemos pelos sentidos (DINUCCI, 2008, p. 19).

O pensamento é exclusivo em seu domínio. Por isso, cada discurso está isolado, como uma construção particular da realidade no pensamento. O ato da comunicação, no fundo, sustenta-se em uma suposição, uma crença. Para Górgias, é um ato de fé acreditar que as ideias correspondem às coisas. Mesmo que essa crença estivesse correta e o conhecimento das coisas acontecesse, a comunicação de tal conhecimento seria impossível, pois também seria um ato de fé acreditar que o receptor e o emissor da comunicação compartilham as mesmas coisas pela linguagem.

Não seria possível, pois, transgredir o limite em que o pensamento se encontra. O subjetivismo de Górgias fundamenta um relativismo epistemológico extremo segundo o qual a comunicação é algo útil para quem pretende dominar as técnicas da retórica, mas inútil para quem quer responder aos problemas da ontologia. Em outras palavras, comunicar-se é sempre uma performance que nada tem nada a ver com a realidade daquilo que é comunicado.

Assim, a defesa do relativismo epistemológico produziu na sofística uma espécie de filosofia pós-moderna *avant la lettre*, se tomamos autores como Gianni Vattimo (2016, p. 15), para quem “o adeus à verdade é o início, a própria base, da democracia”. De modo convergente com essa ideia, os sofistas questionaram um modelo de sociedade baseado em princípios racionais universais, aos quais todos os indivíduos deveriam se submeter. A subjetividade é vista como algo intransponível, o que justifica uma noção igualmente subjetiva da verdade, eliminando o pressuposto racionalista clássico de uma realidade objetiva que a razão individual poderia alcançar pelo simples fato de ser racional.

O relativismo de Górgias funda a comunicação na criação do mundo pelos homens em seus discursos. A palavra e os conceitos não possuem independência em relação aos sujeitos da fala. A filosofia se move no sentido de uma destituição da metafísica, substituindo-a pela ideia de que nenhum discurso se ancora em uma realidade última e fundamental. Em retórica, essa tese serve para justificar que a sedução argumentativa e a persuasão operem como recursos naturais e inevitáveis no debate público. Com base na epistemologia de Górgias, a persuasão desponta como um fim em si mesmo, sendo que a construção humana de discursos é o máximo que o *logos* pode fazer, e não há qualquer verdade para além daquela constituída no próprio discurso.

Considerações sobre a sofística e temas atuais de pesquisa

Como visto pelo exemplo da ontologia de Górgias, as teses relativistas e subjetivistas dos sofistas destoavam do pensamento clássico (socrático, platônico e aristotélico), para o qual a verdade e a realidade estavam associadas. A posição dos sofistas no debate epistemológico parece refletir na época contemporânea, em que tem valido cada vez mais o princípio de que a verdade de alguma coisa não depende de essa coisa ser admitida como real (LAKETA, 2019).

A produção e a propagação de conteúdos falsos levaram recentemente à ascensão de conceitos como o de pós-verdade e o de *fake news*, tanto no debate público como em estudos acadêmicos avançados de comunicação e áreas correlatas (HRČKOVÁ et al., 2019; LEWANDOWSKY; ECKER; COOK, 2017; VAN DUYN; COLLIER, 2019). As práticas de comunicação atuais, sobretudo nas redes digitais, estão no centro desse debate emergente (EMPOLI, 2019). Pelo que parece, o homem atual se vê às voltas com uma nova forma de construção do mundo social em que a verdade passa a ser vista como consequência fortuita da persuasão, e não como um critério regulador da eficiência das práticas argumentativas. De fato, em vez de localizar a fonte da realidade e da verdade em um critério autônomo, o sofista a localiza nas práticas verbais da sociedade, como destacado por McWilliams (2020, p. 4-5, tradução nossa): “Górgias vê a verdade como um louvor, um prêmio que a audiência concede aos argumentos que considera mais persuasivos. A verdade não é a ‘descoberta’ de uma representação acurada de um mundo preexistente”⁶.

Realidade e verdade, para Górgias, são apenas um jogo, uma competição no interior da qual as ações humanas adquirem significado, e sem o qual nenhum significado haveria. As práticas de comunicação atuais dão a ver exemplos significativos de construção de discursos que nos remetem de volta ao relativismo extremo da sofística.

Vejam os dois exemplos, um da Itália e um do Brasil, que envolvem diretamente as redes sociais. Em 20 de julho de 2014, quando se completavam 43 anos do pouso da nave Apolo 11 na Lua, o subsecretário de Estado do governo italiano, Carlo Sibilía, utilizou a sua conta do Twitter para afirmar que esse evento histórico era uma farsa jamais desmentida (IL POST, 2018). No Brasil, em 22 de março de 2020, o escritor e

⁶ No original: *Gorgias viewed ‘truth’ as a term of praise, an award that the audience gives to the arguments or accounts that they find most persuasive. ‘Truth’ does not represent ‘discovery’ of an accurate representation of a preexisting independent world, but rather an endorsement of a persuasive argument.*

polemista Olavo de Carvalho, ligado ao presidente Jair Bolsonaro, publicou um vídeo no YouTube no qual afirmava que a pandemia de Covid-19 não existia. Nos dois casos, as consequências da ‘verdade subjetiva’ manifestada por esses personagens públicos não foram impedidas por um conhecimento objetivo dos fatos. Sibilina persistiu na carreira política em cargos de confiança do governo italiano, sem desmentir o seu post. No Brasil, o vídeo de Carvalho foi retirado do ar pela plataforma, mas sua fala já tinha se propagado nas redes e influenciou comportamentos negacionistas que perduraram nos meses seguintes, coadunando-se com a postura da própria presidência brasileira (CORREIO BRAZILIENSE, 2020)⁷.

Vale dizer que casos como esses não significam que hoje, no mundo da pós-verdade e das *fake news*, a categoria da verdade tenha simplesmente deixado de existir. Consideramos mais acertada a compreensão de que a mudança em curso consiste no fato de que a persuasão passou a condicionar o que é verdadeiro, exatamente ao contrário do que previa o silogismo aristotélico, para o qual a verdade era o caminho inequívoco da persuasão.

Tal mudança, segundo pensamos, representa um notável ponto de contato do nosso momento histórico com a sofística, perpassando a comunicação e justificando que os estudos da área se aproximem de filósofos como Górgias de Leontinos. A afirmação gorgiana de que a comunicação é impossível estabelece que o universo social no qual as práticas comunicacionais se realizam é definido apenas e unicamente por sujeitos que não podem se conectar objetivamente por meio do discurso. A despeito de estar ou não correta, tal tese filosófica serve como uma confrontação de perspectivas intersubjetivistas ou racionalistas, a exemplo da teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas (2012), um dos modelos teóricos adotados na área da comunicação que mais dependeram do respaldo de uma teoria da verdade de caráter objetivista nas últimas décadas.

A visão negativa da sofística, que lhe retirava o aspecto filosófico, já perdeu espaço entre os historiadores da filosofia (GUTHRIE, 2007), e uma nova compreensão do papel dos sofistas na Antiguidade grega é algo que já se deu em outras áreas acadêmicas (POULAKOS, 2009; SCHIAPPA, 1992). Parece ter chegado um momento conveniente para que ela se dê também no campo da comunicação.

Considerações finais

Nossa síntese das teses de Górgias não foi um comentário exegético à sua filosofia, o que demandaria um aprofundamento bem maior em história da filosofia antiga, mas sim uma abordagem para evidenciar o caráter filosófico do seu pensamento. Esperamos ter mostrado que Górgias articulava seus argumentos assim como Parmênides ou Zenão o faziam, criticando-os com seus próprios métodos, com destaque para o emprego da *reductio ad absurdum*.

Nos estudos de comunicação, é possível constatar usos equivocados do termo ‘sofista’ na classificação dos filósofos gregos, em trabalhos consagrados como bibliografia fundamental da área. Um caso digno de menção é o da obra *Teoria da Comunicação: Paradigmas Latino-Americanos*, de José Marques de Melo, autor importante para a constituição do campo no Brasil e a quem já nos referimos anteriormente. No primeiro capítulo desse livro, que propõe uma história da pesquisa em comunicação desde as suas origens mais remotas, Marques de Melo inclui toda a filosofia grega em uma única fase que ele denomina de ‘fase dos sofistas’.

⁷ As estratégias de comunicação adotadas por apoiadores do presidente Jair Bolsonaro, de fato, são exemplos contundentes de *fake news*, e vem sendo estudadas por diferentes áreas ligadas ao tema, incluindo a comunicação (EL-JAICK, 2020; ITUASSU et al., 2019; RECUERO; SOARES, 2020).

Além de destacar erroneamente o séc. III a.C., como se este tivesse originado os estudos de Platão e Aristóteles (a fase clássica da filosofia grega ocorre cerca de dois séculos antes), o autor faz afirmações como esta: “De todo o grupo dos sofistas, quem efetivamente realizou estudos mais avançados foi Aristóteles” (MARQUES DE MELO, 1998, p. 21). Ora, Aristóteles não era um sofista, mas, como vimos, um adversário da sofística. Equívocos terminológicos como esse comprometem a elucidação e o aprofundamento das conexões possíveis entre a pesquisa acadêmica em comunicação e a filosofia grega antiga. É importante apontar erros assim na literatura sobre comunicação, para que deixem de ser reproduzidos.

Naturalmente, as conexões com o pensamento filosófico da Antiguidade serão sempre dependentes da disposição dos teóricos para trabalharem com uma definição de comunicação de matriz filosófica, ou que pelo menos envolva a filosofia em elaborações interdisciplinares que partam de pontos de vista aptos a convergirem com o universo temático ao qual estamos nos referindo.

Nesse sentido, vale chamar atenção para a investigação de Luís Mauro Sá Martino sobre as controvérsias epistemológicas que estão na origem da área no Brasil. Ao trabalhar, por exemplo, com uma bibliografia de livros de teorias da comunicação lançados entre 1969 e 1986, Martino classifica cinco matrizes de definição usadas pelos autores, sem que nenhuma delas englobe diretamente a filosofia (MARTINO, 2018, p. 114). Em outro estudo sobre um recorte mais recente, de 1997 a 2007, o pesquisador destaca que a flutuação de objetos e métodos nas definições apresentadas pelos livros parece impor a interdisciplinaridade como um destino jamais superado para o campo; entretanto, a filosofia não aparece como protagonista dos enlaces que efetivamente existem entre as disciplinas (MARTINO, 2010). Não queremos dizer, com isso, que a filosofia deva ser a protagonista única desses enlaces, mas sim que ela é uma possibilidade que os estudos de Martino revelaram ser preterida em face de outras disciplinas muito mais frequentes, como a sociologia. Não se trata tampouco de supor qualquer hierarquia entre a filosofia e as teorias da comunicação, mas sim de sustentar que teorias da comunicação de caráter filosófico ainda podem vir a ter um papel ainda mais importante do que tiveram, no início, para o desenvolvimento do campo.

Acreditamos que seria de grande valor uma investigação específica sobre como a filosofia grega antiga tem figurado nas obras de teorias da comunicação mais recentes, seguindo a linha dos estudos empreendidos por Luís Mauro de Sá Martino. Essa investigação exigiria método próprio, e poderia abarcar *corpora* amplos de publicações internacionais para mapear, com o máximo de rigor, o atual interesse do campo da comunicação pelo contato com os filósofos antigos. Trata-se, naturalmente, de uma pesquisa que ultrapassa os limites deste artigo, mas gostaríamos de pelo menos indicá-la como algo que surge no horizonte da nossa argumentação, dada a importância de levantamentos bibliográficos robustos, como esse, para o avanço das propostas que fizemos.

De todo modo, é importante ressaltar que a pesquisa em comunicação tem produzido reflexões sintonizadas a problemas ontológicos como os que foram discutidos por Górgias de Leontinos, o que reforça a relevância da recuperação do sofista na atualidade. Um exemplo, no Brasil, é a série de textos elaborados e debatidos no âmbito do GT de Epistemologia da Comunicação da Compós, especialmente nos anos 2010. A ideia de impossibilidade da comunicação é diretamente abordada no debate motivado pelas propostas de Ciro Marcondes Filho (2014) sobre as condições de possibilidade de fenômenos comunicacionais. É muito interessante observar os ecos involuntários da filosofia gorgiana na maneira como José Luiz Braga (2010) organiza e sintetiza as teses de Marcondes Filho, sublinhando que a comunicação é um tipo de acontecimento extralinguístico que se empenha por contornar o seu próprio mascaramento pela linguagem estruturada. Não sendo um subjetivista radical, Braga pensa a comunicação de maneira distinta de Górgias e ressalta que “mesmo diante de sistemas fechados há um espaço em que o fechamento pode ser driblado”

(BRAGA, 2010, p. 78). A comunicação é vista, assim, como uma *tentativa*, o que é uma solução elegante para enfrentar o risco de solipsismo que teorias relativistas como a de Górgias defendem⁸.

O mais importante, aqui, é sublinhar a pertinência – mesmo que não diretamente declarada – de uma tradição filosófica como a sofística para o trabalho de pesquisa epistemológica em comunicação no presente. Ela atua como fornecedora de elaborações teóricas de valor persistente, e que repercutem contemporaneamente mesmo com a grande distância que nos separa da Antiguidade grega. É nesse sentido que a teoria de Górgias pode ser buscada em seu devido contexto, a fim de enquadrar problemas de pesquisa atuais. A inclusão assertiva de uma teoria como a de Górgias no âmbito de interesse dos pesquisadores de comunicação é uma maneira instigante de articular categorias como a verdade, o discurso, a linguagem e a realidade em uma teoria da comunicação lastreada por uma visada de larga abrangência para a história das ideias.

8 Agradeço aos comentários críticos de um dos avaliadores anônimos do artigo que, no processo de revisão cega por pares, sugeriu a consulta à bibliografia do GT de Epistemologia da Compós. Trata-se, sem dúvida, de uma aclimatação muito profícua das ideias ontológicas apresentadas aqui a partir do pensamento de Górgias, e pretendo desenvolvê-la em novos artigos.

Referências

ARISTÓTELES. **On rhetoric: a theory of civic discourse**. Tradução: George Alexander Kennedy. 2 ed. New York: Oxford University Press, 2007.

_____. **Órganon**. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2005.

BERTI, E. **As razões de Aristóteles**. Tradução: Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BITTAR, E. C. B. **Curso de filosofia aristotélica: leitura e interpretação do pensamento aristotélico**. Barueri: Manole, 2003.

BORNHEIM, G. A. **Os Filósofos Pré-Socráticos**. São Paulo: Cultrix, 1998.

BRAGA, J. L. Nem rara, nem ausente – tentativa. **Matrizes**, v. 4, n. 1, p. 65-81, dez. 2010.

CRICK, N. The Sophistical Attitude and the Invention of Rhetoric. **Quarterly Journal of Speech**, v. 96, n. 1, p. 25-45, fev. 2010.

DINUCCI, A. L. Análise das três teses do Tratado do Não-Ser de Górgias de Leontinos. **O que nos faz pensar**, v. 17, n. 24, p. 5-22, out. 2008.

EL-JAICK, A. P. A Discursive Analysis of Jair Bolsonaro: populist and ethical (lack of) limits through language. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 1, p. 538-560, abr. 2020.

_____. O Discurso é um grande Soberano: o poder da linguagem e um elogio aos sofistas. **Revista Ética e Filosofia Política (UFJF)**, v. 2, n. 19, p. 39-58, 2016.

EMPOLI, G. DA. **Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**. Tradução: Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2019.

GIORDANI, M. C. **História da Grécia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

GLADYSHEV, V.; PENNER, R. The Problem of Communication in Aristotle's Ethical Works and Modernity. In: INTERNATIONAL MULTIDISCIPLINARY SCIENTIFIC CONFERENCE ON SOCIAL SCIENCES AND ARTS – SGEM, 3., 2016, : Albena. **Proceedings...** Sofia: Stef92, 2016, v. 2, p. 901-906.

GUTHRIE, W. K. C. **Os sofistas**. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 2007.

HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 2 v.

HABGOOD-COOTE, J. Stop talking about fake news! **Inquiry**, p. 1-33, 11 ago. 2018.

HOHLFELDT, A. As origens antigas: a comunicação e as civilizações. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

HRČKOVÁ, A. et al. Unravelling the basic concepts and intents of misbehavior in post-truth society. Bibliotecas. **Anales de Investigación**, v. 15, n. 3, p. 421-428, 28 mai. 2019.

ITUASSU, A. et al. Comunicación política, elecciones y democracia: las campañas de Donald Trump y Jair Bolsonaro. **Perspectivas de la comunicación**, v. 12, n. 2, p. 11-37, dez. 2019.

JAEGER, W. **Paidéia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2010.

KITTO, H. D. F. **The Greeks**. Harmondsworth: Penguin, 1991.

LAKETA, S. “Even if it didn’t happen, it’s true”: The fantasy of geopolitics in the “post-truth” era. **Emotion, Space and Society**, v. 31, p. 155-161, mai. 2019.

LASSWELL, H. Attention structure and social structure. In: BRYSON, Lyman (Org.). **The communication of ideas, a series of addresses**. New York: Institute for Religious and Social Studies, 1948. Disponível em: <<http://archive.org/details/communicationofi00jewi>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

LA VERSIONE di Carlo Sibilìa sullo sbarco sulla Luna. **Il Post**, 2018. Disponível em: <<http://www.ilpost.it/2018/06/21/carlo-sibilìa-sbarco-luna/>>. Acesso em: 22 ago. 2020.

LEWANDOWSKY, S.; ECKER, U. K. H.; COOK, J. Beyond Misinformation: Understanding and Coping with the “Post-Truth” Era. **Journal of Applied Research in Memory and Cognition**, v. 6, n. 4, p. 353-369, dez. 2017.

LÓPEZ-ASTORGA, M. Gorgias’ Argument does not Include Actual Conditionals. **Problemós**, v. 93, p. 81-89, 22 out. 2018.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2004.

MARQUES DE MELO, J. **Teoria da comunicação**: paradigmas latino-americanos. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARTINO, L. M. S. Dos “Fundamentos Científicos” à “Teoria da Comunicação”: uma controvérsia epistemológica nas origens da Área. **Comunicação & Informação**, v. 21, n. 3, p. 107-122, 6 dez. 2018.

MARTINO, L. M. S. Quatro ambivalências na Teoria da Comunicação. **RuMoRes**, v. 4, n. 8, p. 1-13, 6 dez. 2010.

MCWILLIAMS, S. A. Truth as Trophy: The Social Construction of Veracity. **Journal of Constructivist Psychology**, p. 1-12, 17 fev. 2020.

MELO, J. M. de. **Comunicação social**: teoria e pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1971.

MOTA, T. Nietzsche e as perspectivas do perspectivismo. **Cadernos Nietzsche**, n. 27, p. 213-237, 2010.

ORTEGA Y GASSET, J. **Meditações do Quixote**. Tradução: Gilberto de Mello Kujawski. São Paulo: Livro Ibero-Americano, 1967.

PLATÃO. **A República**. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

_____. **Diálogos**: Protágoras – Górgias – O Banquete – Fedão. v. 3/4. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980.

_____. **Diálogos**: O Banquete – Fédon – Sofistas – Político. Traduções: José Cavalcante de Souza (O Banquete), Jorge Paleikat e João Cruz Costa (Fédon, Sofista, Político). São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Coleção Os Pensadores).

_____. **Teeteto**. Tradução: Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

POULAKOS, J. Rhetoric, the sophists, and the possible. **Communication Monographs**, v. 51, n. 3, p. 215-226, 1 set. 1984.

RECUERO, R.; SOARES, F. O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter: Estudo de caso. **E-Compós**, Preprint (SciELO), 10 jun. 2020. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/84/version/795>> Acesso em: 29 jun. 2020.

ROMEYER-DHERBEY, G. **Os Sofistas**. Lisboa: Edições 70, 1986.

ROSS, D. **Aristóteles**. Tradução: Luís Felipe Bragança S. S. Teixeira. Lisboa: Publicações Don Quixote, 1987.

SCHIAPPA, E. Rhêtorikê: What's in a name? Toward a revised history of early Greek rhetorical theory. **Quarterly Journal of Speech**, v. 78, n. 1, p. 1-15, 1 fev. 1992.

SEXTUS EMPIRICUS. **Against the logicians**. Tradução: Richard Arnot Home Bett. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

SOUZA, J. P. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. 2. ed. revista e ampliada. Porto: BOOC/UBI, 2006. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt> Acesso: 29 jun. 2020.

SPINELLI, M. **Filósofos pré-socráticos**: primeiros mestres da filosofia e da ciência grega. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

VAN DUYN, E.; COLLIER, J. Priming and Fake News: The Effects of Elite Discourse on Evaluations of News Media. **Mass Communication and Society**, v. 22, n. 1, p. 29-48, 2 jan. 2019.

VATTIMO, Gianni. **Adeus à verdade**. Tradução: João Batista Kreuch. São Paulo: Vozes, 2016.

YOUTUBE remove vídeo de Olavo de Carvalho que fala que pandemia não existe. **Correio Brasiliense**, 2020. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/03/23/interna-brasil,836201/youtube-remove-video-de-olavo-de-carvalho-que-fala-que-pandemia-nao-ex.shtml>>. Acesso em: 22 ago. 2020.

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

Não se aplica.

Fontes de financiamento

Não se aplica.

Considerações éticas

Não se aplica.

Declaração de conflito de interesses

Não se aplica.

Apresentação anterior

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais

Meus agradecimentos à professora e pesquisadora Eliana Borges Curado por ter me apresentado ao universo dos sofistas e despertado em mim o interesse pelo tema. Este trabalho foi motivado por ela.